

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DÁVILA GOMES DE OLIVEIRA  
IZABELLY BARBOSA DE LIMA  
LAURA BEATRIZ MONTEIRO COSTA

**O BRINCAR COMO POSSIBILIDADE NA  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE  
CRIANÇAS COM AUTISMO**

RECIFE/2021

DÁVILA GOMES DE OLIVEIRA  
IZABELLY BARBOSA DE LIMA  
LAURA BEATRIZ MONTEIRO COSTA

**O BRINCAR COMO POSSIBILIDADE NA  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS  
COM AUTISMO**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Professor(a) Orientador(a)<sup>1</sup>: Neferson Barbosa  
Co-orientador(a): Hugo Félix

RECIFE/2021

O48b

Oliveira, Dávila Gomes de

O brincar como possibilidade na alfabetização e letramento de crianças com autismo. / Dávila Gomes de Oliveira; Izabelly Barbosa de Lima; Laura Beatriz Monteiro Costa. - Recife: O Autor, 2021.

28 p.

Orientador: Me. Neferson Barbosa da Silva Ramos .

Coorientador: Esp.Hugo Christian de Oliveira Félix

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Licenciatura em Pedagogia, 2021.

1. Autismo. inclusão. 2. brincadeiras. 3. alfabetização. 4. letramento. I.

CentroUniversitário Brasileiro. - UNIBRA. II. Título.

CDU: 37

DÁVILA GOMES DE OLIVEIRA  
IZABELLY BARBOSA DE LIMA  
LAURA BEATRIZ MONTEIRO COSTA

# **O BRINCAR COMO POSSIBILIDADE NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO**

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

---

Nome do Professor(a) Orientador(a)  
Professor Orientador

---

Professor(a) Examinador(a)

---

Professor(a) Examinador(a)

Recife, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

NOTA: \_\_\_\_\_

*Dedicamos este trabalho a todos aqueles que nos ajudaram ao longo desta caminhada.*

## **AGRADECIMENTOS**

Nossa eterna gratidão aos mestres e orientadores do CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA. Estamos regozijadas por todo suporte, correções e ensinamentos que nos permitiram apresentar um melhor desempenho no nosso processo de formação profissional.

Agradecemos em especial a nossa família, pelo amor, incentivo e apoio em todos os momentos, não permitindo que desistíssemos.

Nesses últimos quatro anos, com muito estudo e dedicação, percebemos que temos grandes dádivas: o convívio entre pessoas, a partilha de alegrias e a troca do maior bem do mundo, o conhecimento. Portanto, aos amigos e a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a nossa formação, o nosso muito obrigado.

E finalmente, nosso maior agradecimento: a DEUS, àquele que nos deu a vida, recursos, saúde e forças para superar todas às dificuldades encontradas ao longo do caminho. Ele foi o nosso maior ouvinte, que nos socorreu e nos ajudou nas horas que mais precisamos. “Porque Dele, e por Ele e para Ele, são todas as coisas; glória, pois a Ele eternamente. Amém!” Romanos 11:36

*“O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção.”*  
*(Paulo Freire)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO</b> .....	<b>12</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>14</b>
3.1 Educação Inclusiva e Especial .....	14
3.2 Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	15
3.3 Inclusão do Aluno com TEA no Ambiente Escolar .....	16
3.4 Alfabetização e Letramento .....	18
3.5 Relações das Brincadeiras com a Alfabetização e Letramento .....	19
3.6 Jogos Educacionais: Uma Possibilidade de Alfabetização e Letramento.....	20
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>24</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>26</b>



# O BRINCAR COMO POSSIBILIDADE NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Dávila Gomes de Oliveira

Izabelly Barbosa de Lima

Laura Beatriz Monteiro Costa

Professor(a) Orientador(a)<sup>1</sup>: Neferson Barbosa

Co-orientador(a): Hugo Félix

**Resumo:** O presente estudo apresenta uma pesquisa bibliográfica, dada a necessidade de uma prática educativa de qualidade, pois a fase de alfabetização e letramento é um dos mais desafiantes períodos das crianças com autismo. Os principais desafios do professor para alfabetizar e letrar a criança autista, é usar recursos e instrumentos que mostrem resultados para a sua aprendizagem. Tem por objetivo apresentar que atividades lúdicas podem promover os processos de alfabetização e letramento dessas crianças, e sua interação com o mundo, através de estratégias com brincadeiras diversas para valorizar e estimular a aprendizagem. A pesquisa investigará a utilização de atividades lúdicas em contexto inclusivo na sala de aula regular, que sirva de ajuda para o desenvolvimento em geral da criança com TEA. Serão fundamentadas com exames minuciosos de livros, dissertações e teses, trabalhos de conclusão de curso, revistas científicas, e leis, sobre o tema abordado em questão. O resultado da pesquisa dirá respeito aos aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças com autismo, salientando que as atividades serão pautadas na utilização de recursos concretos e visuais possibilitando a mediação entre professor e aluno. O resultado desta pesquisa fornecerá subsídios teóricos para discussões futuras sobre como usar a brincadeira para alfabetizar e letrar uma criança com TEA.

**Palavras-chave:** Autismo. Inclusão. Brincadeiras. Alfabetização. Letramento.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em inclusão, é saber lembrar-se do próximo, independente de suas condições físicas. Não compete a nós excluir estes da sociedade. Incluir é oferecer oportunidades iguais a todos, é fazer com que se sintam bem no meio onde vivem. As escolas, juntamente com os professores, tendem a promover, a sala de aula como um ambiente agradável e acolhedor, onde todos os alunos sintam-se abrangidos, através disso, pontos positivos serão alcançados.

A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. Ao pensar em uma escola e uma sociedade onde todos são tratados com respeito e igual, a inclusão traz a idéia de mudar o mundo de modo natural. Ainda não vivemos uma inclusão completa, a lei garante o acesso à escola, não a permanência. Na maioria das vezes, o aluno é apenas hospedado na escola, pois nem sempre participa de tudo. Ainda existe uma deficiência em relação à falta de recursos e à capacitação dos professores.

Conforme Paulon, Freitas e Pinho (2005, p.9), argumentam:

“Um pressuposto freqüente nas políticas relativas à inclusão supõe um processo sustentado unicamente pelo professor, no qual o trabalho do mesmo é concebido como o responsável pelo seu sucesso ou fracasso. É claro que a aprendizagem dos alunos é uma das metas fundamentais, não só dos professores, mas de todo o profissional que esteja implicado a educação e, sem dúvida, uma prática pedagógica adequada é necessária para alcançá-la”.

Contudo, existem pontos fundamentais para a inclusão de uma criança autista na escola, para isso é fundamental que todos os envolvidos, família, amigos e escola, os tratem normalmente, tentando entendê-los na sua forma de ser, proporcionando tratamento em todas as áreas que precisem.

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento, uma alteração que afeta a capacidade de comunicação, socialização e na forma de condução do ambiente da criança. Ainda existe muita falta de conhecimento relacionado ao autismo, o que leva a sociedade a ter pensamentos errados, como relata Orrú (2007, p.37):

“Quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, têm movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo e chegam até dizer que é perigoso e precisam ficar trancados em uma instituição para deficientes mentais”.

A criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) utiliza muito a linguagem iconográfica (linguagem visual que usa imagens para representar algum tema) para se comunicar, pois tem a fala um tanto retraída. O professor pode ajudar a criar diversas adaptações para serem realizadas em sala de aula, e uma delas é a brincadeira como meio de aprendizagem, utilizando-se recursos visuais e táteis.

Neste projeto, pretende-se abordar temas referentes à alfabetização e letramento, usando “o brincar” como uma possibilidade. O professor será visto como mediador para que a alfabetização e letramento da criança com TEA aconteçam, usando o recurso da brincadeira para estimular o ensino-aprendizagem desses alunos. Abordar este tema é de fundamental importância, visto que o desempenho da criança com autismo depende da parceria entre profissionais da educação, terapeutas, psicólogos, entre outros; juntamente com a família, para assim, haver grande sucesso no processo de intervenção do aluno.

A importância do brincar no desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) reforça o despertar de um novo olhar para as possibilidades de alfabetizar brincando. A utilização da brincadeira contribui para o desenvolvimento dessa criança e a mediação do professor favorece a participação dela na sua aprendizagem e na relação com o outro.

O objetivo deste estudo partiu do interesse de pesquisar a praticidade e a funcionalidade do brincar no processo de alfabetização e letramento de crianças com TEA. Como ponto de partida, foi realizado, uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se de artigos já publicados acerca do assunto e, como referencial teórico, contaremos com a contribuição de autores de suma importância como ORRÚ, PIAGET, SANCHEZ, CUNHA, assim como a Declaração de Salamanca, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, entre outros.

A escolha de materiais concretos e visuais torna a alfabetização e letramento mais efetiva, porque explora os estímulos para que, por meio das demonstrações, a criança autista consiga realizar as atividades, pois ela aprende e entende melhor, vendo do que apenas ouvindo.

Como enfatiza Rodrigues (2009, p.19):

“O brincar é um importante processo psicológico, fonte de desenvolvimento e aprendizagem. Ele envolve complexos processos de articulação entre o já dado e o novo, entre a experiência, a memória e a imaginação, entre a realidade e a fantasia, sendo marcado como uma

forma particular de relação com o mundo, distanciando-se da realidade da vida comum, ainda que nela referenciada. A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. O brincar não só requer muitas aprendizagens como também constitui um espaço de aprendizagem”.

Portanto, é interessante expô-la, ao máximo, a esses estímulos, pois as brincadeiras devem ser vistas como facilitadoras no processo de alfabetização e letramento, e precisam também ser atividades direcionadas pelo professor às crianças com este tipo de transtorno, com objetivos claros, para que aconteça uma aprendizagem significativa e de qualidade.

## 2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Esta investigação será fundamentada em um trabalho de pesquisa bibliográfica sobre o tema elaborado, por meio de um exame minucioso de livros, sites educacionais, artigos em jornais, revistas e resenhas.

Segundo Marconi e Lakatos (2019),

“sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritas de alguma forma. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, visto que propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Inicialmente, os objetivos deste estudo, que é investigar temáticas relacionadas às brincadeiras, dando importância ao ensino da alfabetização e letramento de crianças com TEA, foram adotados métodos de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, que teve por finalidade, averiguar as bases teóricas, análise conduzida de forma a explorar o objeto de estudo.

Segundo Vilela (2014),

“a observação, a descrição, a compreensão e o significado, são objetivos da pesquisa qualitativa e tem como propósito interpretar o fenômeno que observa, não precisa necessariamente de hipóteses pré-concebidas, porque enfatiza a indução e a "suposta certeza" não existe no método experimental. Uma pesquisa qualitativa explora informações mais subjetivas e em profundidade”.

Foi executado um estudo com formação teórica, que são caracterizados pela análise e pela síntese da informação, já disponibilizados por todos os estudos relevantes publicados sobre o tema, de forma a resumir o corpo de conhecimento existente e levar a concluir sobre o assunto de tal interesse. O referencial teórico permite verificar o estado do problema a ser pesquisado, sob o aspecto teórico e de outros estudos e pesquisas já realizados (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Foram consultadas bases de dados de métodos de pesquisas exploratórias e descritivas, considerando critérios de inclusão e exclusão, entre 2000 a 2020, em busca de publicações acadêmicas, como dissertações e teses, trabalhos de conclusão de curso, revistas científicas, livros, e leis, para maior aprimoramento do estudo do tema, escolhido através das experiências vividas nos estágios supervisionados. Sendo incluídos apenas estudos cujos alvos fossem professores que atuassem em classes regulares da educação infantil, tendo como foco a alfabetização e letramento de crianças com autismo,

baseados em estratégias com brincadeiras diversas. Nas seguintes fontes eletrônicas: Google Acadêmico, SciELO, UNESCO, Portal MEC e Portal do Governo Federal. Ademais, só poderiam ser considerados trabalhos que contivessem segmentos na escolarização de educandos com TEA em classes regulares, abordando as práticas pedagógicas e percepção docente sobre o autismo.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Educação Inclusiva e Especial

Quando se fala em promover a integração entre crianças com diferentes necessidades, estamos falando da educação inclusiva e especial, método pedagógico que liga características do ensino regular com o ensino especial.

Esta metodologia só será concreta no ambiente escolar, se houver a parceria entre famílias e professores, onde os mesmos participem ativamente do processo de ensino das crianças, além disso, é necessário que o aluno especial sinta-se pertencente ao meio e inserido ao grupo, havendo assim um sentimento comum entre os alunos.

Na década de 1990, os altos índices de crianças, adolescentes e jovens sem escolarização, chamava atenção da Conferência Mundial de Educação para Todos, onde os principais objetivos, eram promover transformações nos sistemas de ensino. Foi então, aprovada, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, afirmando que toda pessoa tem direito à educação, assegurando o acesso e a permanência na escola.

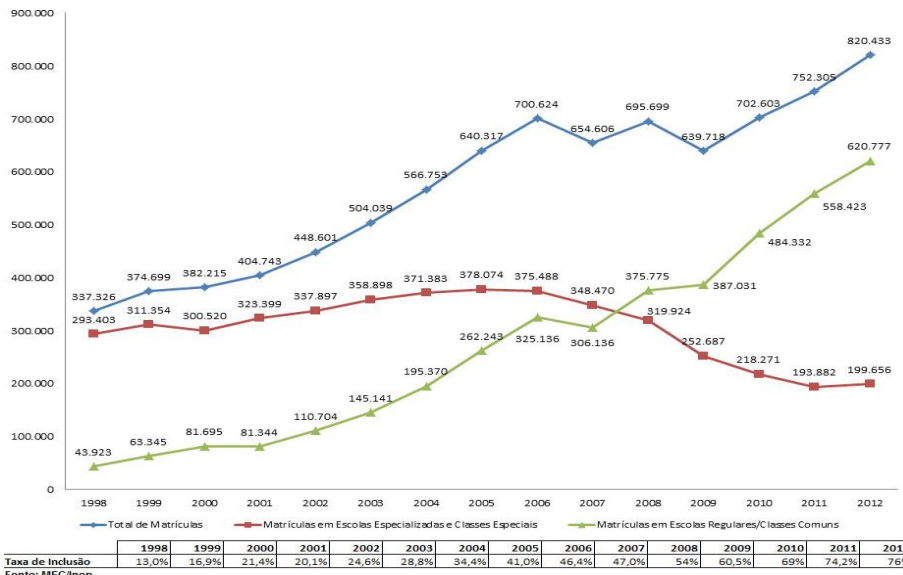
A Declaração de Salamanca (1994) tem princípios fundamentais, fornecendo diretrizes básicas para a educação especial, os quais reforçam uma educação de qualidade considerando as características e interesses de cada educando, evitando-se assim, as discriminações e exclusão escolar. Estes documentos ressaltam que:

“O princípio fundamental desta Linha de Ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos e zonas desfavorecidos ou marginalizados”. (Brasil, 1997, p.17-18)

Portanto, hoje, as condições de ensino têm melhorado positivamente, onde as oportunidades educativas voltadas para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem estão sendo avançadas, assim como a formação continuada de professores na educação especial, tem ganhado uma maior atenção. Nos últimos anos, há uma grande evolução nas ações referentes à educação especial. Registrando assim um maior número de matrículas de estudantes com deficiência. O censo escolar da educação básica de 1998 registrou 337,3 mil matrículas. Desses alunos, 13% estavam em classes comuns do ensino regular.

Como apresenta o Gráfico 1 abaixo, em 2012, o censo apontou 820,4 mil matrículas e constatou que 76% dos estudantes estavam em classes comuns do ensino regular, o que representa crescimento de 143%.

**Gráfico 1** — Acesso das pessoas com deficiência na educação básica



Fonte: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14729-pessoa-deficiencia-02-11&category\\_slug=novembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14729-pessoa-deficiencia-02-11&category_slug=novembro-2013-pdf&Itemid=30192)

### 3.2 Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O TEA é uma síndrome que se caracteriza por desvio qualitativo na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. É um transtorno que prejudica o desenvolvimento da criança, afetando a sua aprendizagem como um todo, com isso, dificultam na sua comunicação e interação com o mundo.

Indivíduos com TEA distinguem-se por diversas características e gravidades, seja ela dá mais leve a mais grave, todas estão relacionadas à dificuldade de comunicação e convivência social. É bastante comum ver crianças autistas com hipersensibilidade a estímulos sonoros, visuais e táteis, além do medo exagerado a estímulos considerados inofensivos para eles. Portanto, é normal observar crianças autistas cobrindo os olhos ou tapando os ouvidos em ambientes que emitem estímulos que não convém a elas. “[...] É também comum se observar crianças autistas fascinadas por certos estímulos visuais, como luzes piscando e reflexos de espelho bem como tendo certas aversões ou preferências por gostos, cheiros e texturas específicas [...]” (SILVA; MULICK, 2009).

Para iniciar uma alfabetização de sucesso com as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é necessário iniciar o trabalho com uma boa observação, para descobrir suas preferências, medos e reações diante do



brincar aprendendo. Assim, ao pensar em brincadeiras como elementos que compõem a ludicidade e inseridas no contexto escolar, espera-se que a criança com autismo desenvolva suas potencialidades brincando enquanto aprende.

Rosa, Brainer e Cavalcante (2012, p.9) afirmam que “é preciso reinventar nossas formas de atuar na escola para garantir que o tempo e espaço da brincadeira deixem de ser vistos apenas como “recreio” e ganhem legitimidade dentro da sala de aula”. Sendo assim, espera-se que o professor seja visto como mediador na alfabetização de crianças com TEA, usando a brincadeira como suporte fundamental para ambos.

Faz-se necessário estabelecer uma metodologia que seja capaz de quebrar as dificuldades da criança, de modo a começar a fortalecer sua relação interpessoal no contexto onde está inserida, e com isso melhorar a aprendizagem de forma eficaz, usando o brincar como ferramenta fundamental dessa aprendizagem.

### **3.3 Inclusão do Aluno com TEA no Ambiente Escolar**

“A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área”. (Santos, 2008, p.9)

Santos (2008), afirma que o primeiro desafio que o Brasil precisa enfrentar é o diagnóstico, por isso, a escola tem um papel importante nesta tarefa, pois é onde a criança autista tem o primeiro contato de interação social, separada de seus familiares, é onde ela terá maior dificuldade em se adaptar as regras sociais, o que é muito difícil para um autista.

No sentido etimológico, alfabetizar significa um processo de aprendizagem por meio do qual se desenvolve a capacidade de ler e escrever apropriadamente e a fazer uso dessa capacidade como um código de comunicação com o seu ambiente. A alfabetização da criança autista está longe de ser um processo simples, pois requer uma adaptação curricular e várias estratégias, pensando nisso, escolheu-se trabalhar o lúdico para ajudar a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no seu desenvolvimento de ensino-aprendizagem. De acordo com Valle e Maia (2010, p.23), a adaptação curricular se define como “o

conjunto de modificações que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologia para atender as diferenças individuais dos alunos”.

Para que a escola se caracterize como inclusiva, se faz necessário que os professores conheçam afundo as possibilidades e limitações de cada aluno com necessidades educacionais especiais.

“É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adaptada uma formação inicial não categorizada, abarcando todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas”. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.28).

Seguindo esta mesma direção, segundo Fumegalli (2012, p.40),

a formação continuada deve ser objetivo de aprimoramento de todo professor, porque o educador deve acompanhar o processo de evolução global, colocando a educação passo a passo no contexto de modernidade, tornando-a cada vez mais interessante para o aluno, a fim de que ele possa compreender que, na escola, ele aperfeiçoa sua bagagem. É nesse processo que o professor pode ver e rever sua prática pedagógica, as estratégias aplicadas na aprendizagem dos alunos, os erros e acertos desse processo para melhor definir, retomar e modificar o seu fazer de acordo com as necessidades dos alunos.

Professores que têm em sua sala de aula alunos com TEA, precisam conhecer métodos pedagógicos e psicológicos para dar suporte a qualquer eventualidade que a criança possa precisar. Para isso, o professor não pode se sentir sozinho. A parceria com a família e a escola é essencial para o sucesso e a aprendizagem da criança com TEA. Nessa direção, entende-se por inclusão, a participação de todos os alunos em um processo de interação, e o uso da linguagem através do lúdico como apoio, para que haja a comunicação entre professor e aluno.

“A incapacidade de desenvolver um relacionamento interpessoal se mostra na falta de resposta ao contato humano e no interesse pelas pessoas, associada a uma falha no desenvolvimento do comportamento normal, de ligação ou contato. Na infância, estas deficiências se manifestam por uma inadequação no modo de se aproximar, falta de contato visual e de resposta facial, indiferença ou aversão a afeto e contato físico.” (Gauderer, 2011, p.14)

A inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pressupõe um processo que busca desenvolver a socialização, a interação e todas as habilidades do indivíduo, respeitando suas particularidades sem tratá-lo com indiferença. Assim, esse processo de inserir as crianças com TEA dentro das

salas regulares de ensino traz uma quebra de paradigmas para as escolas conservadoras e tradicionais. Segundo Ropoli (2010, p.8) “a inclusão escolar supõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participação [...]”.

Para que a inclusão escolar aconteça é fundamental que a escola, a comunidade e a família estejam envolvidas neste processo para atender as necessidades, garantindo o acesso e a permanência da criança com TEA.

Os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos para atender às suas necessidades, de acordo com o Art. 59 da Lei nº 12.796, de 4 de Abril de 2013 (Brasil, 2013). Desse modo, é necessário que se veja a criança autista com grande potencial, e que o professor, como mediador, transmita saberes para que ela aprenda de maneira significativa.

### **3.4 Alfabetização e Letramento**

Por volta de 1980, a partir dos estudos da psicologia e da linguística, passou a ser questionada a maneira como a alfabetização estava sendo desenvolvida, momento em que chegaram ao Brasil as discussões sobre letramento, bem como a necessidade de alfabetizar e letrar os sujeitos inseridos em contextos cada vez mais letrados.

No processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, os alunos precisariam compreender como esse sistema funciona e isso pressupõe que descubram que a escrita nota os sons das partes orais das palavras. É interagindo com a língua escrita através de seus usos e funções que a aprendizagem sobre a língua ocorre e não a partir da leitura de textos “forjados” para alfabetizar.

“A alfabetização é o processo de aquisição do sistema de escrita alfabético, ou seja, da aprendizagem da leitura e da escrita, de forma mais específica, o letramento refere-se às capacidades e às habilidades do sujeito em utilizar essas aprendizagens nos diferentes contextos sociais das práticas de leitura e escrita (SOARES, 2001). O letramento é a capacidade de fazer uso do conhecimento da leitura e da escrita em suas práticas cotidianas no exercício da cidadania”. (MORTATTI, 2011; SOARES, 2004)

No Brasil, o termo letramento não substitui a palavra alfabetização, mas esta associada a ela. Hoje se busca associado ao alfabetizar o letrar, realizando assim um processo que chamamos de alfabetizar letrando. Mesmo que o sujeito

não seja alfabetizado ele possui certo nível de letramento haja vista que se envolve em práticas de leitura e escrita através da mediação de uma pessoa alfabetizada.

Dominar o sistema de escrita alfabética não garante que os indivíduos consigam fazer uso das práticas sociais de leitura e escrita. Observa-se muitas vezes que os alunos saem da escola alfabetizados, mas são incapazes de ler e escrever textos variados em diferentes situações. Apenas o contato e o convívio intenso com textos que circulam na sociedade não garantem que os alunos se apropriem da escrita alfabética, uma vez que se faz necessário que o sujeito reflita sobre as características do nosso sistema de escrita.

Soares (1998, p.47) afirma que:

“Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”.

Cabe a escola promover a formação de leitores e escritores propiciando atividades em que os alunos sejam solicitados a lerem e produzirem diferentes textos. Além disso, a escola deve garantir que as crianças se apropriem do sistema de escrita alfabético. É preciso desenvolver um trabalho sistemático de reflexão sobre as características do nosso sistema de escrita.

### **3.5 Relações das Brincadeiras com a Alfabetização e Letramento**

Como aponta Andrade (2020), crianças com TEA muitas vezes não desenvolvem a habilidade de leitura e escrita ao mesmo tempo em que as crianças desenvolvem tipicamente. Algumas crianças com TEA compreendem as letras do alfabeto mais cedo, porém, podem não possuir outras habilidades. De 5 a 10% das crianças conseguem ler as palavras melhor do que compreender o texto, a maioria delas possui dificuldades com leitura e interpretação de texto. Crianças com autismo passam por muitas dificuldades na sua alfabetização, quando a forma de ensinar não vai de acordo com as suas necessidades. Com o ensinamento correto, se sentem mais motivados e aprendem melhor (NEUROSABER, 2020).

Para Bocks (2016), a aprendizagem de uma criança é abrangente, implicando componentes de vários eixos de estruturação, por exemplo: afetivos, cognitivos, motores, sociais, econômicos, políticos. É fundamental,

que diariamente sejam criadas situações onde a criança possa tomar decisões, manifestar sua independência, e a cooperação, ter opções, dar opinião, saber como é ganhar e perder, ter autocrítica. As atividades lúdicas auxiliam o desenvolvimento infantil na interação de se comunicar, de se expressar, da criatividade e de viver novas situações. Para Crespo e Masson (2020), as atividades lúdicas trazem vantagens no desenvolvimento de crianças autistas, ajudando na atenção, memorização, percepção, sensações relacionadas à forma de aprender, proporcionando o prazer de aprender e se desenvolver, respeitando suas limitações, assim, “tenho a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a “plenitude da experiência”, (Luckesi, 2005, p.27). As brincadeiras quando se tornam parte do cotidiano da criança, torna o modo de aprender mais descontraído, auxiliando no aperfeiçoamento de habilidades físicas, intelectuais e morais da criança (SILVA et al, 2019).

Conforme Mendes (2015, p.39), os jogos e brincadeiras mais utilizados na alfabetização são: o quebra cabeça, blocos de montar, dominó silábico, alfabeto móvel, caixa matemática, bingo de letras e números. Para motivar as crianças podem ser utilizados métodos como fases, níveis, pontos, medalhas e troféus. As fases e níveis demonstram a criança o seu progresso na brincadeira e os pontos podem comparar entre si. As medalhas e troféus utilizam-se para motivar positivamente a criança a querer brincar outras vezes (SANCHEZ, 2018).

### **3.6 Jogos Educacionais: Uma Possibilidade de Alfabetização e Letramento**

O convívio com o diferente pode ajudar no desenvolvimento e na socialização, na empatia e no senso de ajuda entre alunos que não possuem deficiência. Para alunos que possuem deficiência, a inclusão na sala regular, além de favorecer o desenvolvimento de habilidades em linguagens e matemática, e na interação com outros alunos, como por exemplo, reduz o número de incidentes comportamentais (RIBEIRO, 2019).

Piaget (1985, p.158) designa que

“é pelo fato do jogo ser um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças, que em todo lugar onde se consegue transformar em jogo a iniciação à leitura, ao cálculo, ou à ortografia, observa-se que as crianças se apaixonam por essas ocupações comumente tidas como maçantes”.

A escola, juntamente com o professor, são os principais agentes de transformação social. Havendo união em equipe, eles conseguirão mostrar que o papel dos jogos no processo de inclusão, possibilitará uma aprendizagem mais ampla. Através deste trabalho em sala de aula, o aluno conseguirá discernir que o jogo é um dos principais mediadores no entendimento mais complexo da inclusão no cotidiano escolar.

Brandão et al. (2009, p.13-14) ratificam:

“Nos momentos de jogo, as crianças mobilizam saberes acerca da lógica de funcionamento da escrita, consolidando aprendizagens já realizadas ou se apropriando de novos conhecimentos nessa área. Brincando, elas podem compreender os princípios de funcionamento do sistema alfabético e podem socializar seus saberes com os colegas”.

O lúdico é um excelente aliado no processo de ensino-aprendizagem, com ele, a criança pode demonstrar as suas emoções e sensações, permitindo que cada um sintam-se integrado no ambiente escolar. Kishimoto (2003, p.37-38 apud BRANDÃO, 2009, p.14) lembra que o jogo “[...] potencializa a exploração e a construção do conhecimento, pois conta com a motivação interna, típica do lúdico”.

Segundo SOUZA, MARQUES e PEREIRA (2018), o trabalho lúdico traz à criança a vivência através de uma brincadeira, dança ou atividade recreativa, servindo como aprimoramento e auxiliando no crescimento tanto físico quanto cognitivo, como também o psicológico, não apenas para o conhecimento atual como para o futuro. Piaget (1978, p.87), já dizia que “os jogos são brincadeiras e ao mesmo tempo meios de aprendizagem”, e segundo Macedo, Petty e Passos (2000, p.14), jogar é uma das condições do brincar, “o brincar em um contexto de regras e com um objetivo predefinido”.

Sabendo que as crianças autistas possuem características distintas, como a falta de interação com outras crianças, resistência ao toque e possui limitação nos movimentos, os jogos auxiliam em seu desenvolvimento. Várias crianças com TEA apreciam a leitura de livros e revistas que despertam seu interesse, como livros sobre dinossauros, mapas e revistas de automóveis. Não se deve desencorajar uma criança com TEA a não ler esse tipo de material, pois isso o motiva a interagir com outras crianças e com o que está escrito (ANDRADE, 2020).

Como defendem Debyser (1991) e Vever (1991), entendemos que os “jogos de linguagem”, tão freqüentes nas mais variadas culturas, permitem

introduzir, na sala de aula, um espaço de prazer e de ampliação das capacidades humanas de lidar com a linguagem, numa dimensão estética, gráfica e sonora. Vever (1991), ao focar especificamente os “jogos com palavras”, observa que este tipo de atividades tem uma essência de materialidade lúdica. Tal materialidade, segundo o autor,

“...torna os signos palpáveis: nos damos conta de que as palavras não são feitas apenas de fonemas e grafemas, mas de sons e de letras e que estes sons e estas letras dialogam de uma palavra a outra, em correspondências tão polifônicas, que os sentidos acabam sempre misturando-se e embaralhando-se. ... Brincar com as palavras torna-se, então, jogar com a substância da expressão: sons, letras, sílabas, rimas... e com os acidentes de forma e de sentido que esta manipulação encerra”. (VEVER, 1991, p.27 apud BRANDÃO, 2009, p.15)

Existem vários tipos de atividades, com elas, podemos perceber que o desenvolvimento da imaginação, percepção, sentimentos e fantasias podem ser prazerosos, onde o educando pode praticar as suas habilidades de criar e recriar suas experiências, garantindo assim, uma oportunidade, onde, ludicamente, atuem como sujeitos da linguagem. O brincar oferece as crianças oportunidades de relacionar-se, mas não esquecendo que o educador deve proporcionar um ambiente acolhedor, trabalhando com objetos e recursos que ofereçam situações desafiadoras, motivando com perguntas e respostas, estimulando a criatividade e a descoberta de acordo com a necessidade de cada aluno.

Conforme citado por Brandão (2009, p.14), Mrech (2003, p.128) defende que “brinquedos, jogos e materiais pedagógicos não são objetos que trazem em seu bojo um saber pronto e acabado. Ao contrário, eles são objetos que trazem um saber em potencial. Este saber potencial pode ou não ser ativado pelo aluno”, ou seja, para que este tipo de trabalho seja realizado, faz-se necessário que os professores planejem suas atividades, revendo se os jogos conseguirão ajudar no desenvolvimento de seus alunos, essa função precisa ser estimuladora no processo de aquisição de novos conhecimentos. Portanto, é primordial ter o domínio e a consciência quanto aos objetos propostos.

É importante priorizar a concentração e os movimentos das crianças com autismo, que os faça aguçar a consciência motora com o uso de pinças, jogos com bastão, garrafas pet e materiais fofos, como almofadas. Atividades afetivas como expressões faciais ajudam na sua interação, se observar no espelho e interagir com outras crianças é o ideal. O uso de massa modelar, tinta e cola auxilia no aprendizado das sensações e espessuras. A música

também é um aliado, pois estimula expressões corporais como dançar e pular. Para Cunha (2012, p.54), “as atividades devem possuir caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico”, proporcionando a criança agir e expressar-se, preservando sua espontaneidade e colaborando para sua saúde emocional. Além de estabelecer contato com o mundo ao seu redor, cria vínculo afetivo entre professor e aluno, auxiliando o trabalho em grupo do aluno com autismo e os outros colegas.

Segundo BOCKS (2016), para a criança autista não se tornar um adulto incapaz de fazer tarefas simples do dia a dia, ela precisa aprender atividades que o tornará mais independente. Se deve destacar que os jogos não servem apenas para os alunos aprenderem conteúdos, mas, também, promover o desenvolvimento de habilidades úteis para o dia a dia.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui serão apresentados e discutidos os resultados da intervenção que foi proposta. Ela dirá respeito aos aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), levando no final, a consideração pela aprendizagem desse aluno. Visto que Santos (2002, p.12),

“fala do lúdico como algo de suma importância para o ser humano, independentemente da idade, não podendo ser visto como um simples entretenimento, já que ela desenvolve outros aspectos além da aprendizagem, que são: desenvolvimento pessoal, social e cultural”.

Será importante salientar, que as formas de organização das atividades, serão pautadas na utilização de recursos concretos e visuais que possibilite a mediação do professor/aluno, para que a alfabetização da criança com TEA, por meio do brincar, seja concretizada. Conforme Kishimoto, (1993, p.109) durante a utilização dos jogos em sala de aula possibilita a manifestação do bem estar e do interesse da criança, pois essas atividades aprimoram o desenvolvimento integral das mesmas.

As brincadeiras devem ser vistas como aliadas no processo de alfabetização e as atividades, sendo bem direcionadas pelo professor, com objetivos claros, vão promover para as crianças, uma aprendizagem significativa e de melhor qualidade. Para Vygotsky, segundo Aranha (2002), a brincadeira e o jogo, são atividades específicas da infância, na qual a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos. Segundo o autor, as brincadeiras acompanham todo o processo de desenvolvimento da criança ajudando as mesmas a compreender um pouco sobre a realidade de mundo, usando a imaginação e a fantasia.

Compete ao professor, em seu papel de mediador, proporcionar atividades que desafiem seus alunos e os desenvolvam em sua totalidade. De acordo com Meyer (2008, p.22),

”o brincar proporciona uma melhor qualidade de vida, tornando-a mais leve e descontraída, facilitando a interatividade entre alunos e professores, contribuindo com um maior rendimento de aprendizagem e tornando as aulas menos enfadonhas e mais produtivas”.

Assim a alfabetização torna-se divertida quando a criança aprende brincando. O processo de alfabetização é muito mais do que a criança reconhecer símbolos e letras, é levá-la a interpretar o que está a sua volta com a leitura de mundo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos estudos realizados, foram proporcionados amplos conhecimentos sobre um dos maiores desafios do contexto escolar, que é a inclusão. Levando-se em conta como utilizar a brincadeira para alfabetizar crianças com autismo, como ação de aprendizagem, pois, o processo de alfabetização e letramento não ocorre da mesma forma entre os alunos como um todo, principalmente no caso dos alunos com TEA, porque esse processo deve ser tratado a partir da individualidade de cada um e do estímulo que é atribuído a ele.

Constatamos que a interação entre professor/aluno e aluno/aluno é de suma importância para o desenvolvimento pleno dos educandos. Portanto, aprender brincando também é eficiente e produtivo, porque é uma ação de aprendizagem. Através da brincadeira, o professor poderá observar e compor uma percepção das técnicas que serão usadas para que a criança autista se desenvolva completamente em relação aos aspectos social, motor e cognitivo, pois, sabemos que a inclusão não ocorre apenas matriculando o aluno na escola. Há muitos desafios pelo caminho para se chegar a um resultado positivo, como ressaltado em toda a pesquisa.

Compreendemos que apesar de ser um grande desafio incluir jogos e materiais concretos na prática pedagógica, o professor deve reconhecer seu papel de mediador na sala de aula, por ser ele o grande responsável pelas situações de aprendizagem, criando possibilidades das crianças atuarem de forma reflexiva e usando brincadeiras e atividades lúdicas como apoio para que o ensino-aprendizagem aconteça. Além disso, destacamos a importância da formação do professor diante desse desafio que é a inclusão, juntamente com a própria escola, família e sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Conceituando alfabetização e Letramento**. p.15-21. IN: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação**. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

ANDRADE, Nathalia de. **Erros Comuns na Alfabetização de Crianças Autistas**. FOFUUU, 2020. Disponível em: <https://fofuuu.com/blog/erros-comuns-na-alfabetizacao-de-criancas-autistas/>. Acesso em: 27 de mar. de 2021.

BOCKS, Eduarda. **Como Podemos Criar Jogos que Incluem Alunos com e sem Autismo Dentro de uma Classe Regular**. [S.E] Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem**. UNESCO, Jomtien/Tailândia, 1990.

BRANDÃO, A. C. P. A.; FERREIRA, A. T. B.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. **Jogos de Alfabetização (org.). Jogos de Alfabetização: Manual Didático**. Ministério da Educação/CEEL/UFPE. Pernambuco: Editora Universitária, 2009.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 4 de Abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Presidência da República**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1)>. Acesso em: 27 de mar. de 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Censo Escolar, 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32101-educacaoespecial>>. Acesso em: 26 de mar. de 2021.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e Práticas Educativas na Escola e na Família**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

CRESPO, Patrini. MASSON, Ana Cláudia. **Uma Proposta Lúdica para a Inclusão de Alunos Autistas na Educação Infantil**. [S.d]. Disponível em: <https://revista.smg.edu.br/index.php/cientifica/article/view/34>. Acesso em: 26 de mar. de 2021.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca-Espanha, 1994.

GAUDERER, E. C.; PRAÇA, E. T. P. O. **Uma Reflexão Acerca da Inclusão de Aluno Autista no Ensino Regular**. 2011.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila. **Inclusão Escolar: O Desafio de uma Educação para Todos?** Ijuí, 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita%20monografia.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 de abr. 2021.

INSTITUTO NEUROSABER. **6 Dicas para Ensinar Crianças com Autismo a Ler**. Paraná: [S.N]. [S.V], 2020. Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/6-dicas-para-ensinar-criancas-com-autismo-ler/>>. Acesso em: 27 de mar. de 2021.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo, Cortez: 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUCKESI, C. C. **Ludicidades e Atividades Lúdicas: Uma Abordagem a partir das Experiências Internas**. Nativa - Revista de Ciências Sociais, nº 2, 2005.

MACEDO, L. de; PETTY, A. L. S; PASSOS, N. C. **Aprender com Jogos e Situações Problema**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8ª. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MENDES, Maria Aline Silva. **A Importância da Lucidade no Desenvolvimento de Crianças Autistas**. Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <[https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015\\_MariaAlineSilvaMendes\\_tcc.pdf](https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015_MariaAlineSilvaMendes_tcc.pdf)>. Acesso em: 27 de mar. de 2021.

MEYER, Ivanise Corrêa Rezende. **Brincar e viver, projetos em Educação Infantil**. 4ª. ed. Wak, Rio de Janeiro: 2008.

ORRÚ, S.E. **Autismo, Linguagem e Educação: Interação Social no Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

PAULON, S. M; FREITAS, L. B. L.; PINHO, G. S. **Documento Subsidiário à Política de Inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

PIAGET, J. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda, 1985.

RIBEIRO, Betina. PAR, 2019. **Educação Inclusiva: O que é, e os Desafios no Brasil**. Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/educacao-inclusiva-o-que-e-desafios-no-brasil/>>. Acesso em: 27 de mar. de 2021.

RODRIGUES, M. L. **A criança e o brincar**. UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - DPPG. Mesquita, 2009.

ROPOLI, E. A. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: A Escola Comum Inclusiva**. Brasília: ministério da educação; Secretaria de Educação Escolar, 2010.

ROSA, E. C. de S.; BRAINER, M.; CAVALCANTE, T. C. F. **A Criança que Brinca, Aprende?** In: Brasil, Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa: vamos brincar de reinventar histórias. Brasília: ISNB, 2012.

SANCHEZ, J. **Ferramenta para Alfabetização de Crianças com TEA**. Santiago de Chile: Nuevas ideas em informatica educativa, 2018. v.14, p.80-88.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: Um desafio na Alfabetização e no Convívio Escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **O Lúdico na Formação do Educador**. 5ª. ed. Vozes, Petrópolis, RJ: 2002.

SILVA, Maria Daiane ET AL. **O Lúdico dos Jogos e das Brincadeiras no Ensino de Crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA): Uma Revisão de Literatura**. Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7164693>>. Acesso em: 26 de mar. de 2021.

SILVA, Micheline. MULICK, James A. **Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas**. Psicologia ciência e profissão, 2009, 29 (1), 116 – 131. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n1/v29n1a10.pdf>>. Acesso em: 27 de mar. 2021.

SOUZA, Maria Eduarda da S; MARQUES, Tayna Lurdiane L; PEREIRA, Angela M Almeida. **A Alfabetização de Crianças Autistas Através da Ludicidade**. V edição. FAINTIVISA, 2018. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA9\\_ID10091\\_10092018120544.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA9_ID10091_10092018120544.pdf). Acesso em: 27 de mar. de 2021.

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. **Aprendizagem e Comportamento Humano**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VILELA JUNIOR, Guanís de Barros. **A Pesquisa Qualitativa**. Disponível em: <[www.guanis.org/metodologia/a\\_pesquisa\\_qualitativa.pdf](http://www.guanis.org/metodologia/a_pesquisa_qualitativa.pdf)>. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

